



Francisco Alves Gomes¹

Recebido em: 24 mai. 2019

Aceito em: 13 set. 2019

DOI 10.26512/aguaviva.v4i2.24806

Eu comeria passarinhos mortos,
os sem enterro, alados do asfalto,
ave não precisa de terra, até quando morre
são embrulhados por nuvens e fogos
passarinheiros que anunciam o pio
e a chegada de um corpinho de penas,
eu devoraria os restos da asa engruvinhada
da lama do asfalto, pararia o carro, e ali,
na mesa em capô lembraria das cenas
de amor e vento que decerto aconteceu.
esse pássaro morto, sou eu, tentando
devorar meu coração escapável
talvez me alimente de pássaros em coma
amando aquela que me esqueceu
na mesa do bar peço asa de passarinho
eu nem como
olho, averiguo, choro nas bordas do prato,
como eu sou pequenino
como eu sou pequenino
sempre parto, mas não tenho asas

¹ Professor-Assistente da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: aluadoalves@gmail.com



caminho rápido ouvindo Caetano,
o asfalto é irmão do calor
e simples, morro no piche
me dissolvo
clamando não querer ser pássaro,
e sim,
um corvo.